



**O Ambiente na Encruzilhada.**  
**Por um futuro sustentável**  
**Conferência Gulbenkian 2009**  
**27 e 28 de Outubro**

Exmo Sr Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian  
Senhor Professor Gilles Lipovetsky,

Senhoras e Senhores

Num dos pequenos poemas em prosa de Charles Baudelaire (1821-1867), intitulado "Os Olhos dos Pobres", o protagonista relata um fim de tarde num café de Paris onde, do interior, assiste aos olhares tanto curiosos quanto maravilhados, de uma família de pobres que, através dos vidros, se deslumbram com o luxo que observam. A amante do protagonista, por sua vez, quer que ele mande o criado expulsar aquela família cuja presença, ainda que no exterior, a incomoda. Esta reacção provoca um enorme mal-estar no protagonista, que conclui que "o pensamento é incomunicável mesmo entre pessoas que se amam." O que na verdade queria dizer é que a felicidade ou a decepção não são comunicáveis entre dois sujeitos e muito menos entre os membros de uma sociedade.

Creio não me enganar que esta pequena história, que faz parte do imaginário e dos mitos urbanos de Baudelaire, fará parte da arqueologia do pensamento de Gilles Lipovetsky. Atrever-me -ia mesmo a dizer que a figura do poeta moderno que Baudelaire incarna com todo o aparato conceptual - o poeta sofrendo de solidão no meio das multidões, a sua impossibilidade de comunicar, a onnipresença necessária do belo, o apelo a um estado onírico ou de embriaguez permanente - estarão na arqueologia do aparato textual e conceptual do pensador Gilles Lipovetsky e da sua invenção de conceitos operatórios como o hipermodernismo. Estes radicam, em última estância, na hipostasia dos primeiros conceitos do poeta, revistos naturalmente à luz da sociedade contemporânea. E atrever-me-ia ainda um pouco



**O Ambiente na Encruzilhada.  
Por um futuro sustentável**  
Conferência Gulbenkian 2009  
27 e 28 de Outubro

mais, ao afirmar que se há dois autores cujo legado para a história da cultura europeia do século 20 e 21 são fundamentais - Baudelaire, por um lado, e Bertolt Brecht por outro -, entendo da obra de Lipovetsky que Baudelaire representaria a figura criticável e Brecht, com os seus heróis humanos, demasiado humanos, como a “mãe coragem”, Baal” ou “Garga e Schlink” (na selva) encarnam o activismo ainda possível, a última miragem do filósofo aqui presente.

Peço ao senhor professor que seja generoso face à avaliação que me permiti fazer, em algumas linhas, da sua obra.

Saído de uma formação em Filosofia onde o pensamento de Marx teve uma importância determinante, envolvido na conceptualização e teorização do grupo dos filósofos franceses que estabeleceram o pós-modernismo, Lipovetsky teve nos anos 80 do século passado um tempo privilegiado para o desenvolvimento das suas teses principais iniciais : a hipermodernidade, o individualismo performático, o deslizamento, a vaga e a era do vazio. Estas últimas estão indissociavelmente ligadas ao livro intitulado *A Era do Vazio (L' Ère du vide: Essais sur l'individualisme contemporain)* que foi a sua estreia, em 1983. Mas, os anos 80 foram igualmente para este autor um laboratório privilegiado, levando-o a enveredar por uma postura algo inédita na história da filosofia ocidental. De algum modo, Lipovetsky inaugura no século 20 uma corrente de pensamento que privilegia a doxa como material de trabalho, ao contrário da linha tradicional de exaltação permanente da episteme, ou como o próprio diz numa entrevista: "Platão não gosta da caverna; pelo contrário, eu me interesso mais pela caverna; pretendo iluminá-la sem precisar sair dela"(1).

A era do vazio, portanto! Obra que radicalmente negava tanto o conceito marxista de alienação, usado abundantemente na crítica ao capitalismo e, em particular, ao consumo, explicando a relação de perda do trabalhador relativamente ao produto



**O Ambiente na Encruzilhada.**  
**Por um futuro sustentável**  
**Conferência Gulbenkian 2009**  
**27 e 28 de Outubro**

produzido, como a ideia de uma pós-modernidade criadora. Pelo contrário, segundo Lipovetsky, "a sociedade pós-moderna já não tem ídolos nem tabus, já não possui qualquer imagem gloriosa de si própria ou projecto histórico mobilizador; doravante é o vazio que nos governa, um vazio sem trágico nem apocalipse" (2).

Colocada assim a questão, havia que explicá-la e são muitos os exemplos e as aporias justificativas: a condição de vaga e a de deslizar – à maneira dos surfistas - definem o modo como deslizam as políticas e as ideologias na sociedade contemporânea. Nada é sólido e torna-se um sobre investimento a subjectividade que impõe o narcisismo, que passou a ser um pop-psi. Na constatação de que o real é apenas representação, Lipovetsky muito se aproxima da crítica de Guy Débord e da sua definição da sociedade do espectáculo como êxtase do capital. Débord, que Lipovetsky cita abundantemente quando refere a sedução, a permanente sedução como um imperativo da condição pós-moderna, ou a leitura que o autor faz dela. Quando não há sedução, ou na pós-sedução, o que se gera é a indiferença, e para a explicar o autor evoca algumas das obras que foram famosas nos anos 70 e 80, de que todos recordamos o êxito junto do público: *A mulher canhota* de Peter Handke, *India Song*, de Marguerite Duras, *Palazzo Mentale*, a obra de Pierre Bourgeade que Georges Lavaudant encenou ou *Edison* de B. Wilson. O inesperado e a transgressão de *A era do vazio* fez com que, na altura da sua edição, muitos a tivessem lido como uma obra de costumes da época. Mas, na verdade, *A era do vazio* é muito mais que isso. Esta é uma obra que começou por fazer a História do Moderno e da formação da Cultura de massas, mas que também anuncia a ideologia cultural de toda a contemporaneidade num mundo global.

Mais uma vez de Baudelaire herda essa condição de flâneur o passeante que é Gilles Lipovetsky: o filósofo olha a cidade actual, passeia-se nela, vê os seus sinais de hipermodernidade que denunciam o êxtase da modernidade e declara as suas



**O Ambiente na Encruzilhada.  
Por um futuro sustentável**  
Conferência Gulbenkian 2009  
27 e 28 de Outubro

contradições profundas, aquelas com que as sociedades contemporâneas pretendem ultrapassar o sentimento de decepção que sentem. E o que vê Lipovetsky? A pornografia, imagens exageradas que mostram uma sexualidade sem nenhum limite, a par com uma vida sexual maioritariamente bem comportada; o consumo exagerado, com uma loucura de liquidações e promoções constantes; o apelo às dietas, ao controlo do corpo para uma vida saudável; uma sociedade caracterizada pelo hiper-individualismo e, no entanto, nunca se viram tantas ONGs e tantos voluntários à escala mundial nas mais diversas áreas de apoio solidário. Finalmente, a proliferação de écrans de TV, computadores, publicidade em movimento, jogos de video, câmaras de vigilância.... com o cinema a transformar-se em hiper-cinema, tão bem ilustrado nos seus limites no filme que Chantal Ackerman realizou para o Estado do Mundo; e nunca se produziram tantos documentários de autor como nos últimos anos, e tantos filmes, cuja produção deixou de ser um exclusivo da indústria norte-americana e passou a contar com outros centros, como a Índia, a África do Sul e a América Latina.

E, são os paradoxos desta cidade contemporânea que fazem com que Lipovetsky não tenha uma visão apocalíptica do mundo; não será concerteza um filiado na filosofia de Schopenhauer, e não tem uma abordagem moral a estas questões, nomeadamente à do fenómeno do consumo. A este tema dedicou muitas das suas páginas, conferências e duas obras em particular : *L'Empire de l'éphémère: la mode et son destin dans les sociétés modernes* (o Império do efémero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas), editada em 1987, e *Le luxe éternel* (O luxo eterno), publicada em 2003 com a colaboração de Elyette Roux. Exige, diga-se, alguma coragem intelectual para, sobretudo na escrita do primeiro destes livros, decidir estudar os sinais de riqueza e de superabundância - foi sempre para a esquerda mais óbvio e mais cómodo centrar-se no estudo dos pobres. Mas, com



**O Ambiente na Encruzilhada.**  
**Por um futuro sustentável**  
**Conferência Gulbenkian 2009**  
**27 e 28 de Outubro**

estes estudos Lipovetsky contribuiu para sedimentar duas das suas teses fundamentais: o luxo não pode ser extinto ou reprimido porque faz parte dos anseios da condição humana - as classes populares também anseiam pelo luxo - e, segundo, a abundância e o consumo ou o seu excesso nada têm a ver com a felicidade. A felicidade não é do reino da política, seguindo assim a tradição do pensamento de Toqueville, mas sim da escolha e da responsabilidade do indivíduo. É um facto que nunca as sociedades tiveram, aparentemente, tantos sinais de felicidade, mas tudo se passa como se isso não fosse sentido. De facto, não há uma "joie de vivre". E como é esta tese aplicável a todos os seres humanos que vivem com um dólar por dia? Aí, o autor distingue entre a possibilidade de uma existência mais satisfatória para estas pessoas quando lhes é permitido ter acesso aos bens elementares, e uma condição de decepção nas sociedades de super-abundância. Acresce que, na sua perspectiva, o acesso à beleza é legítimo e por vezes esta possibilidade é viável pelo consumo. Mas, existem contudo, alguns aspectos que, caso lhe fosse oportuno - senhor professor -, gostaria que pudesse aflorar aqui: na sua abordagem do luxo, diferencia o luxo democrático do luxo dos ultra-ricos, aqueles que compram submarinos como o Ocean Pearl a preços superiores a 50 milhões de dólares, ou que fazem compras na loja Daslu - o hipermercado de luxo brasileiro, onde se vai de helicóptero e se podem adquirir os objectos mais caros do mundo. As minhas perguntas seriam: há uma razoabilidade para o luxo? Existe uma medida para o consumo? E pode uma economia mundial basear-se no consumo iludindo que tal lhe dá acesso a uma felicidade colectiva? E acredita mesmo que esta época de hiper-modernidade, hiper-individualismo e hiper-consumo é apenas mais uma época da história da humanidade? um parêntesis? Que "virá um dia em que a cultura consumista não terá o mesmo impacto, a mesma importância na vida dos homens"?! (3) Bastando para tanto seguir a máxima (de inspiração kantiana, é certo) "agir de tal maneira que o consumismo não seja omnipresente ou hegemónico na



**O Ambiente na Encruzilhada.  
Por um futuro sustentável**  
Conferência Gulbenkian 2009  
27 e 28 de Outubro

tua existência e na dos outros"?! (4)

São muitas as obras que solidificam o pensamento original de Gilles Lipovetsky. Para além das citadas poderíamos ainda referenciar entre outras *Métamorphoses de la culture libérale: Éthique, médias, entreprise*, de 2002; *Les temps hypermodernes*, de 2004; *Le bonheur paradoxal: Essai sur la société d'hyperconsommation* e *La société de déception*, ambas editadas em 2006. Estas as que mais directamente podem estar ligadas ao tema de hoje. E concluo com uma breve referência à sua última obra *La Culture-monde: Réponse à une société désorientée*. Um leitor desprevenido - na sua leitura inicial da obra de Lipovetsky – ao ter a sensação de que o autor faz um diagnóstico excelente da sociedade contemporânea, definindo com exactidão os fenómenos, tipificando e reunindo os sinais e criando e classificando os conceitos operatórios, poderá até concluir que vivemos no mundo económica e politicamente possível, e que não existe lugar exterior ao sistema. E, no entanto, poderá perguntar-se: para um ex-marxista como Lipovetsky deixou completamente de fazer sentido a XI Tese de Marx sobre Feurbach, segundo a qual “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo.” E atrevo-me a pensar que algo desta tese ainda existe no espírito de Gilles Lipovetsky.

Na verdade, *Culture-Monde* que é uma análise fina da sociedade contemporânea vista à luz da cultura que a hiper-tecnologia, o hiper-consumo e a hiper-modernidade produziram, revela também o optimismo do autor, a crença de que a hiper-modernidade possibilita "o refazer tudo a cada instante" e apresenta Uma Política de solidarização do mundo. Depois de apresentar os efeitos positivos da *Cultura-Mundo*, a saber: a diversificação regional dos actuais países de produção cultural, em especial no cinema e na música, a creolização da produção cultural, uma educação mais centrada na formação do homem, do que numa formação



**O Ambiente na Encruzilhada.  
Por um futuro sustentável**  
Conferência Gulbenkian 2009  
27 e 28 de Outubro

especializada, sistematicamente ultrapassada pelo mercado, uma formação onde uma cultura da história e da criatividade sejam eixos centrais da educação ao nível do ensino secundário; uma política de solidarização do mundo de que na perspectiva do autor existem já sinais evidentes da sua possibilidade: o voluntariado crescente e a sua viabilidade como serviço à escala mundial, o micro-crédito, cheques para formação ao longo da vida, escolas com formas alternativas de ensino, etc.

E assim depois de ultrapassadas as descontinuidades provocadas pela modernidade, o homem do hiper-individualismo - a não confundir com egoísmo - no seio da Cultura-mundo como Civilização da Cultura, que não tem como objectivo específico a profundidade espiritual da alma humana, mas antes a possibilidade de escolher, de mudar de orientação de vida, de potencializar as suas capacidades, este homem "pode limitar a desorientação e permitir a auto-estima através de actividades que mobilizem a paixão dos homens para se ultrapassarem, a serem os actores da sua vida".

Muito obrigado senhor professor por estar aqui connosco.

António Pinto Ribeiro

27 de outubro 2009

(1) Entrevista a Gilles Lipovetsky por Juvenal Savian Filho. *Revista Cult.* São Paulo, edição 120 (Fev. 2009).

(2) Lipovetsky, Gilles - *A era do vazio*. p. 11

(3) Lipovetsky, Gilles - *La société de déception*, p. 109

(4) Lipovetsky, Gilles - *La société de déception*, p. 107